

Editorial

É com muita satisfação que apresentamos essa edição da Revista *Psicólogo InFormação*.

Mais uma vez, esperamos divulgar ao público o conhecimento científico, bem como promover a troca desse mesmo conhecimento acumulado e em desenvolvimento entre instituições de ensino, pesquisa, e de segmentos sociais que aplicam esse conhecimento psicológico nas práxis mais variadas.

Além disso, tal como previsto no estatuto desse periódico, vimos a público com a incessante preocupação de estimular a iniciação da escrita científica, já que a veiculação de investigações realizadas por iniciantes na vida acadêmico-científica é de grande valia e são aqui apresentados preciosos relatos dessa natureza.

É no cumprimento desses propósitos que trazemos mais essa edição de *Psicólogo InFormação*, que apresenta relatos de pesquisa e textos reflexivos. Esses artigos são apresentados numa ordem pré-estabelecida pelo periódico: artigos originais de pesquisa e artigos teóricos e comunicações.

O primeiro artigo “Esforço e recompensa no trabalho de uma amostra de profissionais de enfermagem”, das professoras Eveli Vasconcelos e Liliana Guimarães da Universidade Dom Bosco, Mato Grosso do Sul, traz uma contribuição à compreensão do trabalho em enfermagem. Avalia o equilíbrio entre o esforço e a recompensa no trabalho de profissionais da área de enfermagem, verificando haver uma estreita associação entre o *desequilíbrio* e a *percepção de esforço* empregado por esses trabalhadores. Esse texto vem contribuir com a ciência na medida em que levanta indicativos de que há um “perfil de risco” do trabalhador de enfermagem, principalmente aqueles do sexo masculino e com sobrecarga de trabalho. Traz ao leitor a

possibilidade de refletir e levantar novas hipóteses sobre essa importante relação homem-trabalho no mundo atual.

Um segundo artigo, que trata da “História e identidade dos nisseis” da região oeste do estado de São Paulo, realizado pelo doutor Roberto Yutaka Sagawa e pela iniciante em pesquisa Lílian Cerquetani Sousa, da Universidade Estadual Paulista (Unesp) de Assis, traz ao público uma interessante discussão acerca dos filhos de imigrantes japoneses e sua adaptação a nossa cultura. Assim, o trabalho busca conhecer mais profundamente as particularidades da cultura e identidade desses nisseis e abre possibilidades para revelar questões como individualidade, estereótipos, preconceitos e frustrações sofridas ao longo da vida dessas pessoas. O presente texto convida o leitor a refletir sobre importantes aspectos, como o “choque” de identidade e cultura, mostrado pela ambiguidade causada pelos costumes e hábitos transmitidos pela família com aqueles transmitidos pela cultura ocidental, indicando que essa oscilação entre a identificação de si como japoneses e como brasileiros traz angústia e sofrimento e deve ser mais estudada pela ciência psicológica.

Em seguida, apresenta-se outro relato de pesquisa que trata das “Convicções de saúde e capacidade de adesão de mães de crianças com doenças graves e crônicas”, realizado pelo grupo de pesquisa da Universidade Metodista, coordenado pela professora Marília Martins Vizzotto com as psicólogas Elen Santana, Vanessa Fazan de Lima e Vanessa Faria; mostra a capacidade de adesão ao tratamento relacionada às convicções de saúde das mães. O texto suscita ainda a discussão em torno da “susceptibilidade”, uma convicção subjetiva de saúde que traduz a capacidade do cuidador em sentir como sua a doença do outro, e que é o principal indicativo de adesão ao tratamento.

Um quarto relato de pesquisa qualitativa apresentado diz respeito a uma “Descrição de queixas e diagnósticos de famílias atendidas em psicoterapia domiciliar”, de autoria da professora Marília M. Vizzotto e do pesquisador iniciante Rodrigo Azevedo Gomes, da Universidade Metodista. Fruto de pesquisa financiada pelo CNPq, no programa de iniciação científica – Pibic, o trabalho se utiliza de prontuários da clínica-escola do curso de Psicologia e busca sistematizar as principais queixas e hipóteses diagnósticas

levantadas nos casos de famílias atendidas pela instituição universitária. É um texto que convida o leitor a pensar sobre os principais conflitos familiares, bem como sobre a relevância desta modalidade de atendimento psicológico domiciliar.

Após essa seção de relatos de pesquisa, são apresentadas duas importantes comunicações que abordam a questão da “escuta psicológica” – uma das mais valiosas ferramentas da prática psicológica e que aponta para uma distinção essencial entre ouvir e escutar. A primeira comunicação, *“A escuta psicanalítica e a educação”*, da doutora Alice Bastos, da Universidade Gama Filho, discute a escuta psicanalítica e suas implicações não só para a práxis psicanalítica, mas também para o campo da educação. Mas, para abordar a escuta em educação, a autora percorre um importante caminho, retomando suas origens em Freud, mostrando que a função da escuta não é passiva (tal como apontam os jargões populares muitas vezes apresentados pela mídia ou pelo cinema); pelo contrário, é ela que coloca o sujeito em movimento; e é nesse eixo de esclarecimento que se encontra sua importância em educação, pois os aprendizes precisam que os mestres permitam sua expressão, para que possam falar e ser escutados.

Finalizando essa edição está o texto *“O que fazemos quando fazemos psicologia do trabalho?”*, do Prof. Edu Manso Bastos, da Universidade Metodista, que, assentado numa concepção psicodinâmica do trabalho, fomenta uma discussão acerca de um fazer psicológico que possa refletir, em primeira instância, sobre o desejo do psicólogo no trabalho organizacional, a quem ele serve, bem como seu compromisso com a ética e a saúde. No desenvolvimento do texto o autor busca mostrar o mundo do trabalho baseado numa racionalidade instrumental e a tradicional dicotomia entre concepção de trabalho e execução de tarefas. E, munido do olhar dinâmico e das preciosas ferramentas psicológicas, entre elas a escuta, o autor defende a mobilização psíquica do trabalhador como salutar; porém, isso só parece possível se a ideia simplista de “execução de uma organização de trabalho prescrita” der lugar a uma concepção de trabalho. Finaliza seu texto fincado na tese de que se ao trabalhador for dada a oportunidade de participar do coletivo, rompendo seu isolamento e individualismo, em seu processo de emancipação esse

trabalhador poderá pensar sobre seu próprio desejo na realização de seu trabalho. De modo que o texto do Prof. Bastos também pode sugerir uma alusão ao trabalho do próprio psicólogo que haverá de refletir sobre seu próprio desejo na realização de seu labor – se de execução ou de concepção. Por isso, há de se perguntar: *O que fazemos quando fazemos psicologia do trabalho?*

Assim, caros leitores, com mais essa edição esperamos contribuir para a reflexão acerca do conhecimento psicológico.

Finalizando, gostaríamos de aproveitar o espaço dessa apresentação para enaltecer nossos colegas, professores dessa casa, que, graças a seu incomensurável esforço, têm contribuído para a manutenção desse periódico. Também estendemos nosso agradecimento aos demais professores e pesquisadores de outras instituições que têm nutrido esse periódico com suas reflexões e com suas penas na elaboração de trabalhos de valor inestimável para a ciência psicológica. Por fim, destacamos o apoio incondicional da Universidade Metodista de São Paulo, das comissões editoriais e dessa reitoria, para a manutenção de um periódico que completa 13 anos de existência.

As editoras